



XXII CONBRACE
IX CONICE | 2021
12/Set a 17/Dez
Evento online

EDUCAÇÃO FÍSICA E
CIÊNCIAS DO ESPORTE
NO TEMPO PRESENTE:
DEFENDER VIDAS.
AFIRMAR AS CIÊNCIAS

Jovens LGBTQ+ e a Educação Física Escolar

Sessão de Pôsteres

Autoras:

- Maria Eduarda Erlacher de Figueiredo
- Mariana Zuaneti Martins

E-mail de contato

fig.duda@gmail.com



Introdução

Quais dos seguintes espaços na instituição educacional você evita porque se sente constrangido/a ou inseguro/a neles?¹

Na esfera esportiva, algumas verdades consideradas “naturais” se estabelecem com mais força, pregando que existem corpos mais “aptos” a performatizar atividades físicas que outros.

A masculinidade hegemônica assume um caráter agressivo, violento que implica virilidade, força. Espera-se do corpo esportivo justamente essas características, de modo que se esse corpo não performatiza esses atributos, dentro daquele contexto, ele é não normativo.

Estudantes LGBT+ responderam:

- banheiros (38,4%)
- aula de educação física (36,1%)
- vestiários (30,6%)
- quadras ou instalações esportivas (22,1%)

Os locais mais evitados estão vinculados à educação física ou ao esporte! Os índices de desmotivação e desistência do meio esportivo por experiências nas escolas são elevados e o grande desinteresse pode significar a ausência de valoração positiva com as práticas desportivas.

¹ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

Objetivo

Caracterizar duas experiências distintas de jovens alunos LGBTQ+ com a EF escolar para compreender parte deste cenário nas escolas, nas aulas de EF e da relação com o saber esportivo a partir de pontos como participação esportiva, relação com a turma, professores/as, coordenação e uso dos ambientes esportivos.

Metodologia

- Entrevistas semiestruturadas
- Jovens LGBTQ+ de Ensino Médio (18 anos ou mais)
- Escolas de redes públicas da Grande Vitória
- Realizadas no 2º semestre de 2020 (modo on-line)

1ª entrevista: roteiro semiestruturado com questões:

- a) para conhecermos melhor os jovens e seu contexto pessoal e escolar;
- b) mais centrais à educação física e à prática e participação esportiva e;
- c) pontos recorrentes nos artigos de nossa revisão envolvendo a utilização de banheiros, relação com professores/as, coordenação e turma, etc.

2ª entrevista: dirimir dúvidas que tivemos nas análises

Pedro e Lorenzo: corpo inativo e corpo ativo

Pedro se identifica como **homem gay** e desde cedo percebeu que **não se encaixava no considerado “hétero padrão”** em virtude de uso de suas vestimentas e comportamentos. Tem forte **apoio familiar** e é uma pessoa aparentemente **empoderada** que vai atrás de seus direitos e não parece aceitar passivamente casos agressivos a ele e aos seus. Na escola **não gostava de participar das aulas de EF e não se sente competente na prática esportiva**. Foi caracterizado por nós como **inativo** neste espaço.

Lorenzo se identifica como **homem transexual** desde o 1º ano do EM e conta que desde criança percebia **algo que parecia “errado”** e que fazia parte dos “alunos diferentes”. Tem uma **relação mais conflituosa com sua família**, que não o acolhe por sua identidade de gênero. Ao contrário de sua casa, sentia-se bem no espaço escolar. Aprendeu a jogar futebol na rua quando criança e **sempre gostou das aulas de educação física**. Sente-se **competente na prática de esportes**, sendo caracterizado por nós como **ativo**.

No sentido tradicional, as aulas de EF vão produzindo e estimulando corpos ativos e corpos inativos, cuja raiz encontra-se na normatividade de gênero².



Resultados

- Algumas violências acontecem nas aulas de EF. Muitas vezes, os corpos de pessoas não normativas são marginalizados porque são corpos que transgridem. Mas também são marginalizados, como no caso do Pedro, não apenas por ser um corpo transgressor, mas porque também é um corpo considerado inábil/inapto.
- Os relatos dão indícios de que há baixo apoio da instituição escolar às pessoas LGBTQ+ e de que a responsabilidade de se posicionar, de correr atrás dos direitos fica toda sob os ombros delas. O acolhimento existente parece ficar totalmente à critério da sensibilidade de cada um dos/as professores/as e coordenadores/as individualmente.

- Temas que envolvem gênero, sexualidade, diversidade precisam pautar projetos escolares para auxiliar na formação de todas/os da escola – de estudantes até diretores/as. Os meninos contam que normalmente não há discussões sobre sexualidade ou gênero nas aulas de Educação Física. As aulas em geral seguem um modelo padrão de pouca elaboração, mais próximo da simples prática de algum esporte. Isso sugere que há espaço para a inclusão da transversalidade de temas como sexualidade e uma diversificação das aulas de modo a tentar incluir estudantes que se afastam.
- Fica evidente que as pessoas LGBTQ+ não são um grupo homogêneo, não fazendo sentido pré-determinar sentimentos e comportamentos em relação ao esporte somente por caracterizar pessoas como não normativas. Ao mesmo tempo que aulas de EF seja um espaço excludente para uns, podem ser também um espaço acolhedor para os corpos que não dependeram exclusivamente dela para se integrar.
- O atravessamento da habilidade é algo que interfere tanto no gênero quanto para a sexualidade. Contudo, ela por si só não inibe outras discriminações e violências.